



Espacio Aberto **Cuaderno Venezolano de Sociología**  
ISSN 1315-0006 / Depósito legal pp 199202ZU44  
Vol. 18 No. 1 (enero-marzo, 2009): 25 - 43

## **A presença e a importância do esporte na América Latina: potencialidades e possibilidades do uso do método da história comparada**

La presencia y la importancia del deporte en América Latina: potencialidades y posibilidades del uso del método de la Historia Comparada

***Victor Andrade de Melo\****

---

### **Resumen**

Desde el diálogo con experiencias de investigación y con la literatura nacional e internacional, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las posibilidades y potencialidades de la utilización del método de la Historia Comparada para ampliar nuestra mirada sobre la presencia y la importancia del deporte y de las prácticas corporales institucionalizadas en el escenario de la América Latina. Esperamos que este debate presente alternativas para continuar el proceso de calificación de nuestras investigaciones, así como para ampliar el diálogo con la comunidad científica internacional, principalmente con los colegas de América Latina.

**Palabras clave:** Historia del Deporte, Sociología del Deporte, Historia Comparada, América Latina.

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br.

## The Presence and Importance of Sports in Latin America: Potentialities and Possibilities of the Use of the Method of Comparative History

---

### **Abstract**

Dialoguing with experiences of research and with national and international literature, this article aims to reflect on the possibilities and potentialities of using the method of Comparative History to enlarge our view on the presence and importance of sport in the scenario of Latin American. We hope that this discussion present alternatives to continue the process of qualification of our investigations, as well as to broaden the dialogue with the international scientific community, primarily with colleagues from Latin America.

**Key words:** Sport History, Sport Sociology, Comparative History, Latin America.

### **Introdução**

O processo do método comparativo é justamente o que permite estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo hábitus e reproduzido pelo senso comum (Theml, Bustamante 2003: 22).

A mudança cultural na história do esporte (...) fez crescer uma série de novas questões ontológicas e epistemológicas, particularmente relacionadas com a verdade, o conhecimento e suas relações com o poder. Mas historiadores do esporte não devem permitir que essas questões dominem completamente a agenda de discussão; nem devem continuar ignorando metodologias empíricas mais tradicionais (Booth, 2000: 20).

O surgimento de uma "sub-disciplina" denominada "História do Esporte" deve ser entendido a partir da emergência da Nova História Cultural, que a despeito de raízes, ocorrências e influências anteriores, melhor se sistematiza nos anos 1970, conforme nos informa Peter Burke (2005). A partir dos diálogos estabelecidos com a Antropologia, no âmbito de valorização da cultura como objeto de estudo nas ciências humanas e sociais, as diversas "práticas" ganham relevância e passam a ser motivo de investigação histórica:

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da lingüística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal of History of Sport* (Burke, 2005: 78).

Essa organização recente traz uma série de problemas conceituais que precisam ser encarados. Podemos mesmo chamar a “História do Esporte” de uma sub-disciplina (que expressaria a idéia de algo já mais consolidado ou em vias de consolidação) ou trata-se de, dialogando com as idéias de José de Assunção Barros, mais um dos muitos domínios da história, que “surgem e desaparecem com rapidez, às vezes perseguindo ditames da moda e caindo para segundo plano tão logo se saturam” (2004: 186)?

E como melhor denominar tal campo de pesquisa: História do Esporte, História da Educação Física e do Esporte ou História das Atividades Físicas? Quando falamos em História do Esporte, está contemplada a história da ginástica? E o que falar da história da dança, que também tem vinculação com a História da Arte? Tenho trabalhado com a idéia de “História das Práticas Corporais Institucionalizadas”, algo que abarcaria em um mesmo campo de investigação (sem excluir outras possibilidades de diálogos) fenômenos como o esporte, a capoeira, a ginástica, as relativamente recentes práticas físicas “alternativas” (antiginástica, eutonia, etc.), a Educação Física (entendida enquanto uma disciplina escolar e uma área de conhecimento também relativamente autônoma), as práticas chamadas de “pré-esportivas”, entre outras.

Independente das polêmicas e discussões conceituais, parece claro que a “História do Esporte” nas últimas décadas emerge enquanto um novo campo profissional de investigação, não somente conduzido por “historiadores de formação” e construído a partir de uma perspectiva multidisciplinar, na interface com a Sociologia, a Antropologia, a Economia, entre outros.

O Brasil não ficou alheio a esse processo. Depois de muitos anos nos quais a produção brasileira esteve limitada a poucas referências, a partir da década de 1990 é possível observar um aumento exponencial do número de estudos históricos que têm como objetos de investigação as práticas corporais institucionalizadas; além disso, uma série de ações têm contribuído para a conformação de um campo acadêmico ao redor do tema (Melo, 2008).

Uma característica marcante observada nessa produção recente é que normalmente tratam-se de estudos locais ou regionais, relacionados a cidades ou estados, clubes, personalidades, fatos ou temas específicos. Obviamente isso se dá por ser uma clara tendência nas investigações históricas como um todo, algo acirrado pelas próprias condições operacionais que se impõe diariamente aos pesquisadores, notadamente a escassez de tempo (especial-

mente as pressões a que estão submetidos os programas de mestrado e doutorado) e a dificuldade de acesso a arquivos e documentos. De qualquer forma, esse conjunto de pesquisas nos permite vislumbrar um panorama nacional dos diversos arranjos dos fenômenos culturais esporte, educação física, ginástica, dança, capoeira etc.

A despeito da importância dessa produção, algumas questões merecem ser levantadas: não estaríamos perdendo a visão do “todo” em função da fragmentação das abordagens? Como ampliar nossa visão acerca da realidade nacional sem crer que essa é simplesmente o resultado da soma dos entendimentos locais? Como construir hipóteses mais amplas, pensando, por exemplo, no cenário latino-americano, contexto no qual estamos inseridos não somente por questões geográficas, mas também por relações históricas, culturais e políticas? Como fazer dialogar a produção brasileira com o que tem sido produzido internacionalmente? Talvez o método da História Comparada possa nos apontar alguns indicadores para responder, ainda que parcialmente, tais perguntas como nos indicam introdutoriamente as palavras de Marc Bloch:

A História Comparada, tornada mais fácil de se conhecer e de se utilizar, animará com seu espírito os estudos locais, sem os quais ela nada pode, mas que, sem ela, a nada chegariam. Numa palavra, deixemos, por favor, de falar eternamente de história nacional para história nacional, sem nos compreendermos (apud Haupt, 1998: 213).

Nessa mesma direção, Kocka (2003: 41) é ainda mais explícito:

Frequentemente, historiadores se concentram na história de seu país ou região. Por causa disso, a comparação pode ter um efeito desprovincializante, liberador, abrindo perspectivas, com conseqüências para a atmosfera e estilo da profissão. Esta é uma contribuição da comparação que não deveria ser subestimada.

Certamente que não desconhecemos que as experiências de uso do método da História Comparada podem e têm sido também utilizadas para realização de estudos locais, como nos lembra Barros (2007: 17): “Comparar macro-realidades ou comparar micro-realidades é legítimo em cada caso: e entre estas operações guardar-se-á o mesmo tipo de distinção que emerge da escolha entre comparar estrelas e comparar átomos”. Sem negar isso, apenas levantamos a possibilidade de, inclusive no caminho aberto pelos teóricos que pioneiramente defenderam o método comparado, ampliar o olhar histórico para cenários mais amplos.

Dialogando com as experiências de pesquisa em desenvolvimento e com a literatura nacional e internacional, este artigo objetiva refletir sobre as possibilidades e potencialidades do uso do método da História Comparada para

ampliar nosso olhar sobre a presença e a importância do esporte e às práticas corporais institucionalizadas no cenário latino-americano.

Vale destacar que não é comum identificarmos muitas iniciativas de utilização do referido método nas investigações relacionadas a tais objetos. Mesmo quando se observa alguma perspectiva de comparação, esta normalmente não procura dialogar com as reflexões dos autores que se debruçam sobre tal possibilidade. Assim, o que nos coloca Barros (2007: 3) parece ser bastante estimulante:

Ao impor àqueles que a praticam um novo modo de pensar a história a partir da construção de seu recorte, e um modo bastante específico de trabalhar sobre as fontes e realidades históricas assim observadas - a História Comparada revela-se oportunidade singular para que se repense a própria história em seus desafios e em seus limites. Talvez seja isto, mais do que tudo, o que tem contribuído para fazer da História Comparada matéria privilegiada para um intenso debate entre os historiadores nos seus encontros profissionais, mesmo que ainda não exista uma quantidade tão considerável de trabalhos relacionados mais diretamente a esta modalidade.

Na expectativa de que este método possa trazer colaborações para os estudiosos do esporte e certo de que não podemos nos privar de travar tal debate, espero que este artigo possa contribuir para problematizar o atual estágio de nossa produção, apresentando alternativas que podem dar continuidade ao processo de qualificação de nossas investigações, bem como ampliar o diálogo com a comunidade científica internacional, inclusive e fundamentalmente entre os colegas da América Latina.

### **A História Comparada: possibilidades, potencialidades e limites de contribuição para a História do Esporte**

A História Comparada, no nosso entender, subentende mais do que uma justaposição ou uma divisão, seja em termos do tipo de História, seja em termos dos períodos históricos. A História Comparada é o método de pesquisa que convida a uma mudança de atitude no molde de fazer História; é uma nova perspectiva dos pesquisadores como sujeitos em relação ao objeto de pesquisa (Theml, Bustamante, 2003: 22).

Historiadores do esporte geralmente usam o método comparativo como simples recurso de alusão a aspectos luminares de casos particulares. Assim, reduzem o poder da comparação sistemática. Esse olhar reduzido tem indubitavelmente reduzido a credibilidade intelectual da história do esporte a sua contribuição para a história social mais ampla (Booth, 2000: 20).

No período pós-Segunda Grande Guerra, duas ocorrências políticas influenciaram decisivamente no crescimento do número de estudos históricos

comparados: os movimentos de descolonização dos países africanos e asiáticos; e a emergência de novas potências internacionais fora do continente europeu (Estados Unidos e União Soviética em um primeiro momento, e Japão posteriormente; Índia e China mais recentemente). Isso desencadeou reflexões sobre um certo provincianismo e etnocentrismo na “maneira européia” de fazer história.

Certamente outras marcas do período contribuíram para a ampliação da perspectiva histórica e para o crescimento do uso do método comparativo, entre as quais: as preocupações com o ultranacionalismo; a emergência das inquietações com os países em desenvolvimento; a ascensão da cultura como um dos elementos centrais para se pensar a dinâmica social; os movimentos de globalização, que trouxeram à tona um sem número de arranjos sociais específicos pouco conhecidos. Como chama a atenção Kocka (2003: 42):

Há, afortunadamente, muito interesse agora nas abordagens transnacionais para a História. As diferentes correntes de História Global ou História Mundial são um exemplo disso. Abordagens comparativas, comparações internacionais e interculturais, são apenas uma forma de perceber o crescente compromisso transnacional. Há outras formas, por exemplo, de estudos e interpretações usando teorias pós-coloniais.

Nesse ponto específico, vale a pena falar dos desafios que se colocam para o historiador do esporte. É importante lembrar que estamos lidando com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e presentes em países diferentes. É provável que seja uma das práticas sociais mais fortes no que se refere à transnacionalidade, onde se destacam seus eventos mais conhecidos (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) e duas de suas entidades organizativas (A Federação Internacional de Futebol e o Comitê Olímpico Internacional, ambas com mais membros que a Organização das Nações Unidas). Assim sendo, desde o início parece que uma abordagem histórica transnacional pode se apresentar como fértil perspectiva para as investigações relacionadas ao objeto.

No contexto antes descrito, não por acaso a perspectiva da História Comparada esteve já contemplada entre as proposições de alguns dos membros da Escola dos Annales, notadamente nas reflexões e investigações de Marc Bloch, ainda que fosse motivo de desconfiança por parte de Lucien Febvre.

As origens do método comparativo, contudo, não se encontram *stricto sensu* na disciplina História. Durkheim, como nos informa Burke (2002), um dos autores seminais da sociologia, já lançara antes a proposição, afirmando que para qualquer teoria social a comparação não é um ramo específico, mas a teoria em si, pois só ela permitiria passar da descrição para a análise de fatores, algo que também esteve de alguma forma constantemente presente nas

reflexões de Max Weber (Burke, 2002). A comparação é também uma das marcas de um autor que, embora filiado intelectualmente à sociologia, trouxe grandes contribuições para os estudos históricos, inclusive para as compreensões sobre a prática esportiva: Norbert Elias.

Voltando à História, é inegável a contribuição de Marc Bloch para o método comparativo. Para o autor, seria uma possibilidade de entender especificidades e generalidades de cada um dos fenômenos estudados, o que também permitira maior profundidade na discussão das causas e origens. Bloch foi um seguidor de Durkheim, se afastando das idéias de comparação de Weber: ao contrário deste não estava interessado em captar “as ausências”, mas sim as regularidades, as “semelhanças”: poder-se-ia adotar a comparação entre sociedades próximas (sua preferência e indicação principal) e entre sociedades distantes no tempo e no espaço (Burke, 2002).

De fato, durante muito tempo persistiam preocupações com os limites do método:

Havia o receio de que a História Comparada pudesse resultar em uma abstração excessiva pautada em uma postura de que tudo era passível de comparação independentemente de tempo/espaço, negando justamente o que era caro aos historiadores: privilegiar a singularidade, localizando as especificidades e diferenças, e indagar acerca dos fatores/elementos que as determinaram visando compreender a dinâmica, o comportamento, as imbricações entre os diferentes aspectos que moldam uma dada realidade sob observação (Theml, Bustamante, 2003: 27).

É importante perceber que a despeito do reconhecimento de algumas de suas contribuições, muitas polêmicas e desafios ainda permanecem para os que se interessam por esse método. Se a idéia de comparar parece ser inerente a qualquer pesquisa histórica, como defende Kula (1974), o que vai diferenciar o uso do método da História Comparada? Barros (2007: 14) propõe que devemos ultrapassar uma abordagem mais intuitiva e cotidiana por uma observação mais profunda e sistematizada. Ressalta claramente que o comparativismo histórico e a História Comparada não são a mesma coisa, ainda que se identifique uma clara afinidade entre ambos:

uma vez que os procedimentos comparativos são tão fundamentais e viscerais para a história, cedo ou tarde, na história da historiografia, haveria de surgir uma modalidade como a História Comparada, que faz da analogia, do contraste, da ultrapassagem do recorte espaço-temporal tradicionalmente unicentrado, o campo eleito de suas abordagens.

Um dos grandes desafios diz respeito a uma pergunta central: afinal, o que é comparar numa abordagem histórica? Em linhas gerais seria fácil defi-

nir: tratar-se-ia de investigar dois ou mais fenômenos em perspectiva, buscando semelhanças e diferenças entre o que é comparado.

No âmbito internacional, na área de História do Esporte, essa idéia tem sido a mais constantemente utilizada, ainda que a História Comparada também aí ainda não seja de uso corrente, como demonstra o estudo de Douglas Booth (2000) ao comentar as experiências de autores como Kevin MacAleer (em investigação sobre a relação entre a construção da masculinidade, os duelos armados na Alemanha e as disputas de boxe na Inglaterra), de Andrew Moore (que comparou as origens das ligas de rugby australianas e britânicas) e de John Hoberman (ao contrastar o Movimento Olímpico com o Movimento Escoteiro, a Cruz Vermelha e as tentativas de difusão do esperanto). Todos os três, aliás, fazem questão de apresentar o método comparativo como possibilidade de ampliar as pesquisas históricas ligadas ao esporte, identificando a sua pouca utilização.

Na verdade, como veremos, tal método não é tão simples quanto a princípio pode parecer. Temos que considerar que tal perspectiva de pesquisa traz um grande número de peculiaridades que não podem ser desprezadas. E mais ainda, que recentemente novas reflexões acerca da História Comparada, notadamente as impulsionadas por Marcel Dettiene (2004), tornam ainda mais complexas, mesmo que muito interessantes, os esforços de historiadores que com tal possibilidade se envolvem.

Que vantagens poderia nos trazer o método comparativo? Para Jurgen Kocka (2003), os propósitos da História Comparada podem ser apresentados como: heurísticos - permite identificar novas questões e novos problemas que não teriam sido notados em uma primeira abordagem; descritivos - possibilita aprofundar o esclarecimento sobre casos singulares à medida que estes são contrastados com outros; analíticos - já que permite o levantamento e a resposta de questões causais; paradigmático - pois induz a uma desreferencialização do historiador, ao afastá-lo do ponto de observação que mais domina.

Exemplifiquemos. É certo que estudar a história do esporte desde o caso do Rio de Janeiro pode ajudar a melhor compreender a dimensão do fenômeno esportivo em terras brasileiras, assim como entender de forma mais ampla a nossa sociedade. É certo que o caso daquela cidade guarda muito da realidade nacional. Mas se o compararmos a outras cidades, não seria possível ampliar nossa visão sobre a complexidade do problema? No contraste com as peculiaridades de Caracas, não poderiam surgir novas questões por nós não percebidas quando olhamos detidamente a capital carioca? Nesse sentido, não nos traria de volta ao próprio Rio de Janeiro para melhor o entendermos? Essa comparação poderia provavelmente nos permitir contestar certas assertivas e não só apresentar novas conclusões, como também desencadear diferentes problemas de investigação, construir novas hipóteses.



Ciro Flamarion Cardoso e Hector Brignoli (1983:411), aliás, apontam que o método comparativo contribui para com o melhor controle sobre as hipóteses e generalizações, para superar a herança historiográfica construída a partir da reificação das fronteiras políticas, para melhor distinção das singularidades irreduzíveis dos fenômenos estudados. Para eles, ainda que não perfeita, é a única alternativa que tem a história para lidar com a “impossibilidade de aplicar o método experimental”.

Por certo, ao redor das discussões sobre o método comparativo se encontram os debates sobre a própria cientificidade da disciplina História. Vale a pena ter em conta o alerta de Cardoso e Brignoli:

A polêmica entre os defensores e os detratores da comparação na história pode ser tida como a manifestação, no campo da disciplina, da oposição entre duas atitudes científicas, ambas possivelmente necessárias: por um lado a busca da precisão, do exato, do certo, o que leva a destacar o caráter individual e único de cada objeto observado; por outro lado, a “corrida criadora para as verdadeiras descobertas”, que exige apelo à comparação e à abstração. De qualquer modo, como Witold Kula o demonstra, nenhum trabalho científico, por mais limitado e monográfico que seja, pode dispensar totalmente o método comparativo, pois é impossível a introdução de novos elementos em um terreno qualquer do conhecimento sem compará-los com os já conhecidos; esta comparação, embora às vezes não explícita, é absolutamente necessária, pois de outro modo não se poderia dar um nome aos mencionados fenômenos novos (1983: 410).

Outra contribuição que o método comparativo pode trazer para os estudos históricos, algo que nos interessa notavelmente dada a natureza de nossos objetos de estudo, é a necessidade de o historiador assumir uma profunda e convicta postura interdisciplinar, buscando nas ciências humanas e sociais como um todo o arcabouço metodológico e teórico que pode ampliar o seu olhar.

Não por acaso, alguns autores até mesmo têm questionado a divisão tradicional disciplinar utilizada para o estudo acadêmico da prática esportiva, propondo que deveríamos implementar uma área interdisciplinar denominada Estudos do Esporte, já não mais encaminhada no mesmo sentido que o tradicional uso das Ciências do Esporte. O diálogo com os estudos culturais, a idéia de processualidade e a busca dos diálogos entre disciplinas parece uma perspectiva alvissareira.

No cenário internacional, para Booth (2000) esse pode ser considerado como um dos motivos que afasta os historiadores do método comparado, já que esses têm se mostrado pouco dispostos a diálogos com as reflexões advindas de outras áreas do conhecimento. O autor chega a considerar que, nesse

sentido, são mais notáveis os esforços dos que se envolvem com a sociologia do esporte<sup>1</sup>.

Na experiência de nosso grupo de investigação, Cléber Augusto Dias (2008) assumiu tal desafio ao investigar a recente organização dos esportes de natureza no contexto de reformas urbanas da cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970. Fazendo uso de arcabouço teórico da Arquitetura e do Urbanismo, bem como da Geografia, o pesquisador discutiu as relações entre esporte e cidade, comparando inclusive a organização de surfe e montanhismo nesse cenário, dialogando com a idéia de “mercado de consumo” gerado ao redor das práticas corporais.

E quais seriam os riscos e desafios da História Comparada? Para Kocka (2003), o método comparativo cria tensão com alguns aspectos usuais das pesquisas históricas tradicionais: com a questão da sucessão cronológica de fatos, já que se trata fundamentalmente de discutir um problema; com o uso de fontes, já que o historiador passa a ter que buscá-las para além de sua localidade; com a idéia de contexto, já que o esforço do pesquisador tem que se dar a partir da compreensão de mais de uma realidade.

No âmbito de nossas investigações vivenciamos concretamente alguns desses limites. No que se refere à questão das fontes e do contexto, André Schettino (2008) teve que buscar documentos e compreensões sobre o ciclismo e a bicicleta na Paris da transição dos séculos XIX e XX. Já Maurício Drumond (2008) se dedicou a estudar o futebol na Argentina, tarefa um pouco mais simples, embora não menos árdua, em função da proximidade geográfica desse país, o que permitiu a realização de viagens para trabalhos nos arquivos e bibliotecas. Aqui se coloca ainda a questão do domínio lingüístico, mais complexo no caso de Schettino, que teve que se dedicar ao estudo do francês para dar conta de sua pesquisa. Conduzindo nossas ações sempre houve o intuito de não somente fazer uso de fontes secundárias, mas também de dialogar com as primárias, disponíveis em outros países.

No caso desses estudos, há também que se ter em conta as peculiaridades locais na definição das categorias a serem analisadas. Por exemplo, quando Maurício Drumond (2008) trabalhou a comparação dos discursos sobre o futebol nos governos nacionais-estatistas de Vargas (Brasil) e Perón (Argentina), procurou ter em conta que suas organizações carregam diferenças significativas (como também, por certo, possíveis semelhanças). Da mesma forma, quando Ricardo Pinto (2008) discutiu a questão do envolvimento das minorias sociais nos primórdios do futebol em ambos os países, considerou as peculia-

1 Isso é notável, por exemplo, nos estudos de Richard Giulianotti (2004, 2005).

ridades de formação do discurso acerca da construção da identidade nacional, onde se destaca a figura do mulato na realidade brasileira e do *criollo* na Argentina.

Nesse sentido, vale ter em vista os alertas de Burke (2002) e de Cardoso e Brignoli (1983), que sugerem que evitemos algumas armadilhas: não estabelecer uma das sociedades analisadas como “padrão”, o que levaria o historiador a incorrer no equívoco do etnocentrismo; evitar os anacronismos, o que não significa abandonar a visão analítica e crítica do pesquisador, mas sim não estabelecer um conceito de uma época como padrão para julgar outro período histórico; ter cuidado com as especificidades das sociedades estudadas, evitando ao máximo confundir semelhanças superficiais com analogias profundas, bem como só identificando diferenças sem que isso possa servir para aprofundar os olhares sobre o estudado.

Por exemplo, se estamos supostamente desenvolvendo um estudo comparado sobre a presença das mulheres no esporte brasileiro e no uruguaio, qual dos dois seria o padrão de análise? Nenhum dos dois, pois devemos entender a especificidade de cada caso no que se refere ao problema a ser estudado. Nesse sentido, devemos compreender, em cada um desses países, quais foram as peculiaridades das lutas e conquistas femininas, do desenvolvimento do esporte e das relações entre mulheres e esporte, tendo em vista as dimensões postas nos períodos históricos analisados. Somente a partir daí será possível buscar diferenças e semelhanças, sempre com o cuidado de verificar o grau dessas e a suas contribuições para iluminar a questão que nos conduz a investigação.

Douglas Booth (2000), ao tematizar especificamente a história do esporte, chama ainda a atenção para termos cuidado com a adoção de uma estrutura a priori como modelo, desconsiderando as peculiaridades e ressignificações locais. Lembra o autor que os atores são ativos e que entender as relações entre o geral e o particular constitui-se em exercício fundamental no método comparativo.

Há, na verdade, uma importante questão a ser respondida pelo pesquisador que se envereda por essa possibilidade de estudo: o que comparar? Se o historiador não decidir e avaliar bem as condições concretas das quais dispõe (isso inclui entre outras coisas um arcabouço conceitual, o acesso a fontes, a compreensão do contexto), corre o risco de somente transitar pela superficialidade ou traçar afirmações por demais genéricas. Independente do posicionamento teórico acerca dos tipos possíveis de comparação, é preciso conhecer bem o que se pretende comparar e não se pode confundir comparação com justaposição, já que não se trata de simplesmente colocar lado a lado descrições individuais.

É considerando tais alertas que Maurício Drumond (2008) e Ricardo Pinto (2008) investigaram o futebol brasileiro e o argentino. O primeiro buscou discutir o “uso político do esporte” no contexto dos governos de Vargas e Peron, enquanto o segundo debruçou-se sobre a apreensão do esporte pelas camadas populares de ambos os países na transição dos séculos XIX e XX. Privilegiando fundamentalmente os discursos da imprensa, ambos desejaram captar as tensões que percorreram a construção de representações ao redor do futebol na América Latina, a partir da comparação sistemática de dois países onde o futebol é muito importante.

Há ainda algumas diferentes apreensões que precisam ser consideradas. Alguns autores afirmam que só é possível “comparar o comparável” (entre eles os já citados Cardoso e Brignoli, 1983), se alinhando às preocupações de Bloch; certamente uma posição mais tímida e circunscrita de comparação. Para estes, se fossem comparadas sociedades distantes no tempo e no espaço, ao menos se devia garantir estruturas e conjunturas semelhantes.

Obviamente que não estamos a dizer que, ainda que tímida, essa não é uma possibilidade concreta de encaminhar os esforços comparatórios. Em nossas experiências, por exemplo, André Schetino (2008) trabalhou nessa direção, ao desenvolver uma análise comparada sobre a presença e a importância da bicicleta nas cidades de Paris e Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX. Considerando tal artefato como um dos símbolos da modernidade, discutiu as diferenças e semelhanças nas considerações acerca da introdução desse objeto da cultura material no cotidiano das duas cidades. Dedicado a discutir as relações entre esporte e modernidade, o pesquisador debruçou-se ainda sobre o desenvolvimento do ciclismo, bem como fez uso de obras de arte para guiar sua interpretação (a bicicleta foi bastante representada nas artes plásticas, notadamente no movimento futurista, e no cinema).

Já outros autores, como Marcel Detienne (2004), ampliam essa possibilidade de entender o método, propondo que é sim possível “comparar o incomparável”, ou seja, fatos que não são necessariamente contemporâneos ou de uma localidade geograficamente próxima. Como cremos que as sociedades são bastante complexas:

É necessário afastar-se de todo tipo de hierarquização de culturas e sociedades, de níveis de realidades estanques ou de supremacia de um domínio sobre o outro, pois existem diversas redes de imbricações, quando se tratam dos fenômenos sociais, que não são necessariamente lineares, causais e evolutivas. Estas redes têm mais condições de serem percebidas e elucidadas quando se tornam objeto de uma abordagem comparativa pela construção de um conjunto de problemas (...). Logo, não há preocupação com hierarquias pois não se objetiva formular modelos abstratos, leis gerais, relações de causalidade, origem nem essência dos fenômenos, mas sim descobrir formas moventes e múltiplas com as quais as sociedades de

depararam, as representaram e se transformaram (Theml, Bustamante, 2004: 10).

Nesse caso, é bom considerar a proposta de Paul Veyne (1989: 13): a de estabelecimento de invariantes ou constantes trans-históricas, algo que permitiria que não se perdesse a visão da individualidade do fenômeno e ainda assim se ampliasse o seu olhar sobre ele:

a conceitualização de um invariante permite explicar os acontecimentos; atuando sobre as variáveis, podemos recriar, a partir do invariante, a diversidade das modificações históricas; desta forma explicitamos o não pensado e esclarecemos o que estava apenas vagamente concebido ou apenas pressentido.

A questão instigante que nos lança o autor é que o que organiza os fatos históricos são noções e não períodos: "Esqueçamos de uma vez para sempre os períodos, as civilizações, as histórias nacionais, ou antes não lhes sacrificamos senão o que exigem os condicionamentos da documentação, das línguas, da bibliografia" (32).

O que está por trás de suas contribuições é a idéia de relativização da noção de fato histórico e a discussão da relação que o pesquisador estabelece com seu objeto. Se o historiador traduz um determinado fenômeno (e não "deixa que os povos falem", uma idéia bastante idealizada), importa a pergunta que vai conduzir o seu olhar; e nesse sentido "olhar para o lado", "para trás" ou "para frente" podem ser da mesma forma úteis para seu esforço de entendimento.

Para Veyne, o estabelecimento de invariantes é nada mais do que exigir uma teoria que pode proporcionar à história certos conceitos e instrumentos de explicação; é o próprio centro da prática histórica. Assim, ironiza aos que resistem à idéia:

A idéia de invariante, ou a palavra, desconcertará um pouco. Uns dirão que não vêem o que isso traz e que utilidade tem, não se apercebendo de que eles próprios o usam sem saber (...). Outros terão temores pudicos: não seria o invariante a própria negação da evolução histórica e uma ideologia conservadora que afirma que a natureza humana é imutável? Pior ainda, suspeitar-se-á de que tudo isso é história comparada, esse monstro, que é ao mesmo tempo e em larga escala um animal mítico (1989:14).

A sua provocação caminha no sentido de apontar que se materialmente a história se escreve com fatos, formalmente deve ser produzida com problemáticas e conceitos. Logo, recuperamos a idéia de interdisciplinaridade já discutida:

Qualquer historiador é implicitamente um filósofo, pois que decide sobre o que se considera antropológicamente interessante. Tem de decidir se atribuirá importância aos selos de correio através da história, ou antes às classes sociais, às nações, aos sexos e às suas relações políticas, materiais e imaginárias (1989:6).

Exemplifiquemos com nosso objeto de estudo. Se queremos entender melhor como se deu a apreensão do esporte por parte das camadas populares, parece ser interessante compreender como isso se deu em mais de uma localidade, seja no mesmo período ou não. Esse deslocamento pode criar situações de estranhamento, chamando-nos a atenção para novas dimensões que podem ter passado despercebidas a partir de um olhar muito focado. Se de um lado nos permite entender as especificidades e singularidades, de outro também nos permite entender certas regularidades.

A história do futebol argentino é certamente anterior a do brasileiro. Na década de 1840 já se disputavam jogos informais e os primeiros clubes surgiram na década de 1860, enquanto no Brasil isso ocorreu no final do século XIX. É verdade que o contexto político também tem suas singularidades, sendo inclusive a república Argentina anterior à brasileira. A despeito dessas diferenças (contextos políticos, localidades, datas), a comparação entre a apreensão do futebol pelas camadas populares nos dois países pode nos ajudar a entender melhor o problema, cada uma das nações e algo da própria América Latina, desde que tenhamos em conta os alertas já descritos nesse estudo. Vejamos que com isso coloca-se em questão a visão mais tradicional do binômio espaço e tempo nas pesquisas históricas, rompendo-se com a idéia de nexos causais, lineares e evolutivos.

A questão das analogias, que traz benefícios e riscos, passa aqui a ser um exercício caro e fundamental para os historiadores que fazem uso do método comparado. Um exemplo disso pode ser encontrado em nossas experiências recentes de construção de um campo de investigação de práticas corporais na Grécia Antiga, Roma Antiga e Modernidade<sup>2</sup>. Se adotarmos o conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu (1983), que nos parece bastante interessante, dificilmente podemos dizer que o que havia na Grécia e Roma da antiguidade tratava-se de esporte. Contudo, aqui podemos usar a categoria "esporte" como referência para traçar analogias, buscando semelhanças e diferenças, obviamente fazendo as devidas ressalvas. Com isso não estamos

2 Como fruto dessa experiência, oferecemos (1º semestre de 2007), no Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS/UFRJ, a disciplina História Comparada das Práticas Corporais: Grécia, Roma e Antiguidade, conduzida por mim, pelo prof. Dr. Fábio Lessa e pela Profa. Normas Mendes.

dizendo que o que os gregos e romanos faziam era esporte, apenas estamos fazendo dialogar diferentes contextos a partir de uma categoria que pode ser útil para ampliar nosso olhar sobre os objetos, tanto na antiguidade quanto na contemporaneidade.

Enfim, o que tentamos argumentar é que a História Comparada pode conceder boas contribuições para que não só extrapolemos a nossa visão sobre os arranjos locais do fenômeno esportivo (a partir de problemas centrais que serão elencados pelo historiador), como mesmo permite que redimensionemos essa visão inicial, já que na comparação possivelmente surgirão problemas antes não visualizados. A questão não é, portanto, abandonar o local, mas, passando do local ao global, tanto compreender o objeto para além de suas peculiaridades, como mesmo reforçar ou negar nosso entendimento primeiro sobre essas especificidades.

### **Conclusão**

Efetivamente, nos últimos anos, avançamos muito no que se refere à realização de estudos históricos que têm como objetos de estudo as práticas corporais. Compreendemos melhor do que antes nossos problemas? Certamente que sim, mas o que tentamos argumentar é que é possível que o método comparativo possa contribuir para ampliar ainda mais nosso entendimento acerca de nossos objetos de investigação e das problemáticas construídas ao seu redor.

Mesmo na Europa e nos Estados Unidos, onde o “movimento” da História do Esporte já está mais estruturado, ainda não é comum a realização de estudos comparados. Acerca disso, comenta criticamente Booth (2000:5):

Poucos acadêmicos consideram a inovação metodológica como uma característica da História do Esporte. Ao contrário, não só a maioria dos historiadores é tímida em temas filosóficos e práticos que envolvem metodologia, como aqueles que discutem seu método o fazem em apêndices ou notas de rodapé.

Na verdade, Hannick (2001) nos mostra que na História como um todo, ainda que espaços importantes tenham sido conquistados, persistem reticências quanto às contribuições do método, algo que tem profunda relação com o próprio desenvolvimento da disciplina.

Obviamente não é nosso intuito apresentar a História Comparada como um remédio para todos os males. Sobre isso, diretamente relacionado à História do Esporte, nos fala Booth (2000:17):

Comparação sistemática, isso deve ser enfatizado, não é suficiente para estabelecer relações causais em todos os casos históricos. Obviamente há

muitas oportunidades onde o historiador simplesmente deseja reconstruir a estrutura causal de um caso particular sem paralelo com outro caso geral.

Apenas argumentamos que suas propostas, suas potencialidades e possibilidades, a despeito dos limites aqui apresentados, oferecem oportunidades concretas de permitir a busca de sínteses históricas mais profundas, algo de que ainda carece nossa produção historiográfica atual. O método comparativo pode ainda nos abrir oportunidades de passarmos de nossos importantes estudos locais para apreensões mais amplas, abrindo diálogo do local e do nacional com o global.

Enfim:

Estudos partindo de uma problemática comum podem analisar estruturas, processos e mentalidades em duas ou mais sociedades, seja para acentuar diferenças, seja para encontrar analogias, de qualquer maneira, para ampliar a base documentária, propor uma interpretação das evoluções baseada no conhecimento de realidades sociais, econômicas e políticas diferentes (Haupt, 1998:211).

Obviamente esse esforço de comparação deve ser evado de cuidados, notadamente quando falamos de países distintos. Como bem chama a atenção Kocka (2003:44):

O novo interesse em cruzamentos transnacionais é mais bem-vindo e promissor. Entretanto, não se deve afastar, mas sim se deve incorporar uma comparação rigorosa, que permanece particularmente indispensável para estudos históricos com alcance global, se eles não quiserem se tornar meramente especulativos ou folhetinescos.

No caso da América Latina, isso parece ainda mais urgente e fundamental, inclusive pelo fato de que o desenvolvimento dos estudos históricos ligados às práticas corporais institucionalizadas é significativamente menos estruturado do que no continente europeu e do que nos Estados Unidos. Observe-se que não estamos falando de qualidade, no que estamos *pari passu* com a produção mundial, mas de organização em entidades, publicação de periódicos, sistematização do campo.

Gostaria de insistir um pouco mais nesse debate por ver também aqui uma necessidade de fortalecer nossa posição no cenário internacional da "História do Esporte". Renato Ortiz vai direto ao ponto ao afirmar que grande parte das interpretações sobre nosso continente é traçada por latino-americanistas profissionais, que trabalham fora da América Latina, notadamente em universidades norte-americanas (2001). Adrián Gorelick (2004), nessa esteira, nos conclama a buscar novas maneiras de escrever nossa história latino-americana, deixando de insistir somente na reflexão sobre a influência européia e nor-



te-americana, ampliando nossas compreensões acerca dos contatos entre nossos países, extrapolando as iniciativas de construção de histórias somente nacionais. Segundo sua sugestão, necessitaríamos buscar: "objetos supra o transnacionales. Es decir, la delimitación de problemas o de zonas de historicidad cuyo pasado no es necesariamente nacional o no se agota exclusivamente en lo nacional" (124).

Vejamos que há algo que devemos ter em vista: entender o comparativismo no cenário Latino-Americano como, em certo sentido, uma prática contra-hegemônica (ampliando a compreensão de nossa construção cultural para além das interferências de Europa e dos Estados Unidos), não deve significar o reforço das velhas estratégias homogeneizadoras: "la estrategia comparativista funciona (...) como forma de interrumpir la homogeneización nacionalista – y, a partir de esta primera deconstrucción, también la homogeneización latinoamericanista que se deriva de ella" (Garramuño, 2004:156).

Um maior desenvolvimento dos estudos históricos em nosso continente certamente não somente nos interessa, a nós latino-americanos, mas também a todos os pesquisadores da temática, que hoje pouco parecem compreender dos nossos arranjos específicos. Concordo plenamente com as palavras de Arbena (1999):

Eu reenfato meu argumento de que a construção de uma teoria válida requer uma perspectiva universal. Não podemos seriamente falar sobre o espaço do esporte no comportamento humano ou da conexão entre esporte e imperialismo cultural ou do espaço do esporte na globalização recente, etc., sem olhar como isso, e outros padrões, tem ocorrido em diferentes contextos geográficos, temporais e culturais (27).

O próprio Arbena admite, contudo, que não se podem observar esforços significativos de relacionamento mútuo e de busca de um maior diálogo, o que certamente tem relação com dificuldades lingüísticas, já que o inglês é a língua mais amplamente aceita no mundo acadêmico, e com um provável etnocentrismo, expresso na maior valorização de referências em inglês (e a comum exigência de que estejam contempladas nos estudos realizados) e mesmo da forma de narrativa e argumentação mais comumente observada na língua inglesa, substancialmente diferente da nossa forma latino-americana de escrever.

Portanto, esses esforços de diálogo e de organização dos pesquisadores e pesquisas latino-americanas na área de história das práticas corporais institucionalizadas devem ter intencionalidades claras: o maior conhecimento mútuo nos permitirá caminhar mais próximos, nos compreender de forma mais profunda, não só para que melhor possamos entender nossas sociedades, mas inclusive para contrapor os limites dos atuais modelos acadêmicos inter-

nacionais, ao apresentarmos com competência as peculiaridades que tornam os nossos acontecimentos insubstituíveis se existe o desejo de uma compreensão mais global acerca de nossos objetos, em suas interações com a sociedade.

### Referências bibliográficas

- ARBENA, J. (1999) "History of Latin American Sports: the end before the beginning?". **Sporting Traditions**. Volumen 16, Nro.1, 23-28.
- BARROS, J. D´Assunção (2004) **O campo da História**. Petrópolis: Vozes.
- BARROS, J. D´Assunção (2007) "História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história". **Revista de História Comparada**. Volumen 1, Nro.1, 1-30.
- BOOTH, D. (2000) "From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history". **International Sports Studies**. Volumen 22, Nro.2, 5-20.
- BURKE, P. (2002) **História e teoria social**. São Paulo: Editora da Unesp.
- BURKE, P. (2005) **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CARDOSO, C.F.; BRIGNOLI, H.P. (1983) **Os métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal.
- DETIENNE, M. (2004) **Comparar o incomparável**. São Paulo: Idéias e Letras.
- DIAS, C.A. (2008) **Urbanidades na natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri.
- DRUMOND, M. (2008) **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri.
- GARRAMUÑO, F. (2004) "Para qué comparar? Tango y samba y el fin de los estudios comparatistas y de área". **Prismas: revista de história intelectual**. Nro.8, 151-162.
- GIULIANOTTI, R. (ed.) (2004) **Sport and modern social theorists**. Nova York: Palgrave Macmillan.
- GIULIANOTTI, R. (2005) **Sport: a critical sociology**. Cambridge: Polity Press.
- GORELIK, A. (2004) "El comparatismo como problema: una introducción". **Prismas: revista de história intelectual**, Nro.8, 121-128.
- HAUPT, H.-G. (1998) "O lento surgimento de uma história comparada". In: BOUTIER, J. JULIA, D. (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora FGV.
- KOCKA, J. (2003) "Comparison and beyond". **History and Theory**, Nro.42, 39-44.
- KULA, W. (1974) **Problemas y métodos de la história econômica**. Barcelona: Ediciones Península.
- MELO, Victor Andrade de (1999) **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**. São Paulo: Ibrasa.
- MELO, Victor Andrade de Melo (2008) **História Comparada do Esporte**. Rio de Janeiro: Shape.
- ORTIZ, R. (2001) "Estúdios culturales, fronteras y transposos". **Punto de Vista**, Nro.71, 45-67.

SANTOS, Ricardo Pinto dos (2008) **Futebol e História: uma jogada da modernidade – uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)**. Rio de Janeiro: PPGHC/IFCS/UFRJ.

SCHEITINO, A. (2008) **Pedalandando na modernidade: a bicicleta e do ciclismo na transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri.

THEML, N.; BUSTAMANTE, R. (2003) "História Comparada: olhares plurais". **Estudos Ibero-americanos**. Volumen 29, Nro. 2, 7-22.

VEYNE, P. (1989) **O inventário das diferenças**. Lisboa: Gradiva.